Os Noivos

de Alessandro Manzoni
(1785 – 1873)

RESUMO DA NARRATIVA

Publicado definitivamente, em capítulos, entre 1840 e 1842, único romance e a obra maior de Alessandro Manzoni, o livro "Os Noivos" *("I Promessi Sposi*") representa a vanguarda literária de sua época, seguindo a trilha então recém-aberta pelo britânico Sir Walter Scott que havia criado o subgênero "romance histórico" com seu "*Waverley*". A trama retrocede duzentos anos, quando o ducado de Milão, então sob domínio espanhol, envolve-se na guerra de sucessão mantuana, reino contíguo. Os fatos históricos são reais e precisos, incluída a peste cuja impressionante descrição eternizou a obra que alia ao clima trágico inigualável humor cervantino que deságua na mais pura "comédia" no sentido dantesco.

Na história, as personagens principais, Lorenzo (Renzo) Tramaglino e Lúcia Mondella, fiandeiros de seda, pretendem se casar, mas são impedidos por um sem número de obstáculos e atos do destino. O cenário geográfico é a região setentrional do ducado de Milão, que incluía o burgo Lecco, de onde a família do pai civil de Manzoni era originário.

A forma da obra é o modelo de beleza e estilo da língua italiana. Segundo muitos, "Os Noivos" é o único grande romance italiano do século dezenove e incentivou a resistência contra o domínio austríaco que impedia a unificação italiana, feito que Manzoni viu com vida.

A trama de "Os Noivos" teria sido inspirada num manuscrito anônimo do século XVII. Benedetto Croce dele disse ser *"uma obra-prima de toda a humanidade"* e Otto Maria Carpeaux disse que se trata do *"maior romance histórico que já se escreveu"*.

Capítulo I

O narrador começa a situar o leitor na geografia das povoações do ducado de Milão[1] que acompanham as margens do lago de Como, de que Lecco é *"o burgo mais populoso, prestes a se tornar cidade."*

> *"Quando ocorreram os fatos que nos dispomos a narrar, essa povoação era também um castelo e agraciada, portanto, com a honra de hospedar um comandante, e a vantagem de possuir uma guarnição fixa de soldados espanhóis dados a cortejar as mulheres e as moças, a espancar os pais e os maridos, a depredar os vinhedos, aliviando assim aos campônios as fadigas da vindima."* (pág. 15)

[1] Nota do resumidor – O ducado de Milão, que existiu de 1395 a 1797 passou por diversos domínios estrangeiros, entre eles o dos Filipes de Espanha, entre 1554 e 1706. No momento da trama, reina na Espanha Filipe IV (1605-1665), representado em Milão pelo governador Gonzalo Fernandez de Córdoba.

Por uma das estradas da região vinha, na tarde de sete de novembro de 1628, o cura local, padre Abbondio[2], dirigindo-se à casa paroquial com um olho na paisagem, outro no breviário. Em um cruzamento, é abordado por dois sicários, malfeitores a serviço do fidalgo Rodrigo, um tiranete local. Apesar de proscrito formalmente, o uso de capangas era comum naqueles tempos. Sem poder se desviar da dupla, o cura é confrontado com as seguintes ordens:

> *"- Senhor cura – disse um deles, encarando-o com jeito decidido.*
> *- Que manda? – redargüiu Dom Abbondio, tirando os olhos do livro que lhe ficou aberto nas mãos, como numa estante.*
> *- O senhor tenciona – prosseguiu o outro, com o ar ameaçador e colérico de quem surpreende um subalterno prestes a cometer uma indignidade – o senhor tenciona casar, amanhã, Renzo Tramaglino e Lúcia Mondella...*
> *- Isto é... – protestou o cura, com voz trêmula – isto é... Os senhores são homens de sociedade; sabem como ocorrem essas coisas. O cura nada tem com isso... Os namorados fazem as suas mixórdias e depois procuram o padre, como quem vai receber dinheiro ao banco. E nós... nós somos servidores da comuna.*
> *- Pois bem – cochichou-lhe o capanga ao ouvido, em tom grave e autoritário. – Esse casamento não se realizará; nem amanhã nem nunca."* (pág. 17)

Ameaçado de morte e sem saber o que fazer, padre Abbondio *"enveredou pelo atalho que levava à casa paroquial, movendo a custo as pernas quase tolhidas"*. O narrador nota que o cura não havia nascido *"com fígados de leão"*, sobretudo naquela sociedade em que *"quem usasse a libré de uma família soberba e poderosa gozava de plena liberdade de ação e podia zombar-se de todas as leis"*.

Na casa paroquial, com o semblante transtornado, o padre pede uma taça de vinho à criada Perpétua. Engole o conteúdo todo num trago, e com dificuldades, conta o ocorrido à aia que recomenda que ele procure o arcebispo, *"um santo homem, e um homem de pulso que não tem medo de ninguém"*.

Capítulo II

O padre perde a noite pensando no casamento no dia seguinte: *" – Veremos – disse consigo o cura. – Ele pensa na namorada; eu tenho de zelar a minha pele. Sou o maior interessado, além de ser o mais esperto. Meu filho, é natural que estejas impaciente; eu porém, é que não hei de pagar o pato!"* Uma vez tomada a decisão de acovardar-se, é assombrado o resto da noite com horríveis pesadelos.

Renzo Tramaglino procura o padre Abbondio na manhã de seu casamento. O rapaz, com vinte anos, era fiandeiro de seda e possuía uma chacrinha que recebera de herança e onde morava. Dá-se o seguinte diálogo:

> *" - Venho, senhor cura, saber a que horas lhe convém que estejamos na igreja.*
> *- Em que dia?*
> *- Como, em que dia? Não se lembra de que marcamos para hoje?*
> *- Hoje? Redargüiu Dom Abbondio, com fingida estranheza. – Hoje, hoje,,, Tenha paciência, mas hoje não posso.*
> *- Não pode? Que aconteceu?*
> *- Antes de tudo, não estou bom, como vê...*

[2] Nota do resumidor – Como é comum no Brasil, a tradução confunde os diversos critérios nacionais para o uso do título honorífico "dom" (do latim "dominum"). Segundo Napoleão Mendes de Almeida, em português só se chamam "dom" o bispo, o arcebispo, os descendentes das casas reais portuguesa e brasileira, os monges beneditinos e personagens consagrados como "Don Juan". Em italiano "don" é atributo de padres em geral e em espanhol equivale ao nosso "senhor". No texto resumido foram portanto corrigidos os enganos, o que gera discrepância com os extratos em itálico que foram mantidos no original.

- Lamento-o; mas o que tem a fazer é tão rápido e tão simples...
- Depois... depois... depois...
- Depois, o quê?
- Depois há umas trapalhadas...
- Umas trapalhadas? Que trapalhadas?
- Se você estivesse no meu lugar, saberia os enredos que nascem desses assuntos, as contas que somos obrigados a prestar. Eu sou muito condescendente; trato logo de remover os obstáculos, de facilitar tudo, de satisfazer os desejos alheios; e descuro a minha obrigação. Depois aturo repreensões ou coisa pior.
- Mas, em nome do céu, não me deixe assim aflito! Diga duma vez o que há.
- Sabe você quantas e quantas formalidades são necessárias para celebrar direito um casamento? " (pág. 23)

Alegando precisar examinar todos os possíveis impedimentos, *"error, conditio, votum, cognatio, crimen, cultus, disparits, vis, ordo, ligamen, honestas, si sis affinis..."*, pede ao noivo que tenha paciência: *"alguns dias, meu filho, não são a eternidade"*.

O rapaz, entre aborrecido e indignado, vai à casa da noiva comunicar-lhe que não mais se casariam naquele dia. No caminho, encontra a aia Perpétua que lhe insinua a verdadeira razão do adiamento. Renzo volta à casa paroquial, entra, tira a chave da porta e obriga o padre a lhe contar quem estava impedindo o casório. O padre acaba contando a verdade, enquanto *"Renzo ouvia, entre o furioso e desorientado, imóvel e cabisbaixo."*

Renzo sai imaginando vinganças, *"voar à casa do fidalgo arrogante, sacudi-lo, sem dó..."* Chega à casa da noiva onde já se reuniam as amigas para *"formarem cortejo à moça"*. Lúcia, *"uma bela moça de tez clara e cabelos negros"*, vê Renzo com o rosto desfigurado de raiva e ouve as notícias. Ela reage como se aquele fato não fosse o primeiro (*"Ah!... Até a esse ponto!"*) e dispensa as amigas alegando que o cura estava doente.

Capítulo III

Lúcia, em prantos, confessa a Renzo e à sua mãe, dona Inês, que dias antes, voltando da fiação, havia encontrado na estrada o senhor Rodrigo e outro fidalgo (que viria a ser o conde Atílio, primo daquele). Os dois teriam falado baixo entre si e dito: *"Apostemos"*. Lúcia havia relatado o encontro a frei Cristovão, frade capuchinho, que a havia aconselhado a apressar o casamento e não sair de casa.

Renzo, indignado, quer fugir com ela imediatamente, mas ela o lembra de que eles ainda não são marido e mulher. Dona Inês sugere que Renzo procure um advogado em Lecco, conhecido popular e debochadamente por "rábula", pagando-o com os quatro galos sacrificados para o casamento, já que *"não convém procurar esses senhores com as mãos vazias"* e o casamento seria adiado.

Em Lecco, Renzo conta a história ao tal "rábula", mas ouve dele desaforos e desacatos: *"Conte isso aos seus iguais, e não a um homem de bem que sabe avaliar suas histórias. Retire-se, ande. Nem sabe o que diz! Não me meto com moleques. Não quero saber de intrigas, de lérias tolas."*

As mulheres são informadas do resultado da consulta ao advogado. Lúcia diz: *"Algum santo há de valer-nos."* Renzo sai, atormentado, repetindo *"sempre há Justiça, no mundo"*. Sobre esta atitude o narrador diz: *"Prova evidente de que o homem desvairado pela dor não sabe deveras o que diz."*

Capítulo IV

Chamado, frei Cristóvão, quase sexagenário, vai à casa de Lúcia imaginando alguma desgraça, conforme o hábito daqueles tempos. O religioso, batizado Luiz, aos trinta anos havia abandonado rica herança e uma vida atribulada, depois de uma altercação de rua em que matara, em legítima defesa, um fidalgo *"emperdigado e desdenhoso"*. No entrevero, para salvá-lo, morrera seu fiel criado Cristóvão. Abalado pelo episódio, Luís se havia decidido pela vida religiosa, doando seu patrimônio para a viúva e oito filhos do empregado e tomando para si o nome religioso de Cristóvão. Morava desde então no convento de Pescarenico, na região.

Capítulo V

O capuchinho, relembrando o episódio do encontro de Lúcia com o fidalgo, percebe imediatamente a origem e gravidade daquela angústia. Enquanto ouve as mulheres, Renzo chega e Cristóvão lhe diz que confie em Deus e pede-lhe que prometa seguir seus conselhos. Propõe ir falar com o senhor Rodrigo: *"Se Deus lhe comover o coração e der força às minhas palavras, tudo irá bem, do contrário, o Senhor nos apontará outro remédio."*

Cumprindo este plano, o religioso encontra o fidalgo almoçando cercado de amigos e do senhor corregedor, *"o magistrado a quem competiria fazer justiça"*. Entre os comensais, estava o "rábula" que Renzo havia "consultado". Os convivas discutem questiúnculas de direito, política e elogiam o soberbo banquete regado por vinho *"sem par"*, atribuindo a caristia do lado de fora[3] à cobiça dos padeiros, propondo como remédio que se *"apanhem e enforquem-se uns cinco ou seis* (padeiros) *dos que o povo aponta como piores e mais endinheirados!"*

> *"A vozearia era ensurdecedora e dissonante. Os lacaios enchiam os copos; os louvores ao vinho confundiam-se com sentenças de jurisprudência econômica, e os vocábulos mais freqüentes e mais sonoros eram: 'ambrosia' e 'força.' "* (pág. 49)

Capítulo VI

A sós com o fidalgo, frei Cristóvão pede-lhe um ato de justiça, dizendo que *"alguns malvados"*, usando o nome dele, andavam a assustar um pobre cura. Como o castelão resiste, o frade o lembra que *"os gemidos, as queixas do pobre chegam ao céu. A inocência é poderosa..."* Rodrigo declara que se quisesse ouvir sermões iria à igreja e que, já que o padre se preocupa tanto com Lúcia, que a mandasse buscar *"a sua proteção"*. O padre fica furioso com o cinismo do fidalgo e lhe diz, com o dedo em riste, que fala a alguém *"a quem Deus desamparou, e já não mete medo"*. Rodrigo, irritadíssimo com aquele gesto de enfrentamento, expulsa o religioso, que já havia recuperado a serenidade. Na saída, um criado de Rodrigo, dizendo querer salvar a alma, discretamente propõe ajudar o franciscano.

Enquanto isso, os noivos e dona Inês pensam em maneiras de consumar o casamento para o casal poder fugir *"legalmente"*. Dona Inês diz que se os nubentes se apresentarem ao padre, de sopetão, com duas testemunhas e declararem-se marido e mulher, o cura teria de aceitar o fato consumado e confirmar.

[3] Nota do resumidor – O ducado de Milão, pela coincidência de duas más safras e do esforço de guerra na questão da sucessão mantuana, sofria grande carestia de trigo.

Renzo gosta da idéia, sai e vai procurar as testemunhas, que acabariam sendo Tônio, a quem Renzo dá dinheiro para pagar uma dívida com o padre, e Gervásio, primo daquele.

Capítulo VII

Chega frei Cristóvão com as más notícias de sua embaixada, mas reanima os noivos, dizendo ter *"na mão um fio para lhes valer"* e volta para o convento. Renzo, que já havia negociado com as duas testemunhas, não confia naquele plano misterioso e quer levar em frente a idéia anterior de *"casar à força"*, mas Lúcia está temerosa de começar a vida de casada usando *"subterfúgios, mentiras, fingimentos"*. Renzo, inconformado, quer fazer justiça, matando logo o fidalgo. Lúcia se desespera, porque *"contra os pobres sempre há justiça..."* Fora de si, Renzo ameaça matá-la: *"Você não será minha mulher; mas também não será dele."* Trazido à serenidade pelas mulheres, que acabam concordando com a idéia do casamento forçado, Renzo combina com elas que estejam prontas ao toque do *Angelus*.

Enquanto isso, no castelo, o senhor Rodrigo e seu primo, o conde Atílio, conversam sobre a aposta[4]. O conde debocha de Rodrigo, insinuando que o padre o havia convertido... Preocupado, no outro dia, Rodrigo chama seu sicário mais fiel, Griso, e lhe diz que Lúcia teria de estar no seu palácio antes do dia seguinte. A idéia era raptar Lúcia, naquela noite mesmo, assustar dona Inês e dar em Renzo tremenda surra para desestimulá-lo de ir à justiça *"proclamar suas razões"*. E que não a maltratassem. Estes preparativos chegam ao ouvido do criado aliado, que vai alertar frei Cristóvão. Enquanto isso, cumprindo o plano, os sicários do fidalgo escondem-se numa casa tida por mal assombrada e, cuidadosamente, vão se infiltrando na vila. De fato, Renzo, num restaurante jantando almôndegas com as testemunhas Tônio e Gervásio, repara na presença de sujeitos estranhos que indagam ao taberneiro sobre ele.

Quando entardece, depois do *Angelus*, Renzo e companheiros dirigem-se para a casa de dona Inês de onde, todos juntos, vão à casa paroquial. Tônio, usando a desculpa de pagar a dívida ao padre, convence Perpétua a chamar o cura em tão inusitada hora.

Capítulo VIII

Enquanto o padre passa, com satisfação, o recibo do pagamento da dívida de Tônio, o fiandeiro toma o braço de uma Lúcia toda trêmula e irrompe na sala. Diz: *"Senhor cura, declaro em presença destas testemunhas que esta é minha mulher"*. Quando Lúcia vai dizer o mesmo, o padre tapa-lhe a boca, deixa cair o candeeiro e grita *"Perpétua! Perpétua! Socorro! Traição!"*

> *"Apagada a luz, estabeleceu-se na sala uma confusão indizível. O cura já encontrara às apalpadelas a porta doutra peça e trancara-se do outro lado, continuando a clamar por socorro, mas Renzo ainda o procurava, tateando no escuro, como se brincasse de cabra-cega, recomendando-lhe:*
> *- Quieto, quieto senhor cura! Não faça algazarra.*
> *Lúcia gemia, implorando:*
> *- Vamos, vamos, pelo amor de Deus!*
> *E, ao passo que Tônio rastejava de gatinhas, buscando no chão o recibo, Gervásio, excitado e assustadiço, procurava a saída."* (pág. 67)

O sacristão Ambrósio, assustado, agarra-se ao sino de alarme e toda a cidade fica de pé.

---

[4] Nota do resumidor: A aposta consistia em que Lúcia, até o dia de São Martinho (onze de novembro), deveria estar no palácio de Rodrigo. Se ela não viesse, seria vencedor o conde Atílio.

Enquanto isso, os sicários de dom Rodrigo tomavam de assalto a casa de dona Inês, onde não encontram ninguém e, pressentindo algo errado, retiram-se rapidamente, quase *"em fuga"*.

Deixando a paróquia, *"ansiosos por se porem a salvo"*, os noivos são interceptados por Domingos, um menino que trazia mensagem de frei Cristóvão para que se refugiassem no mosteiro com urgência. Enquanto o casal, dona Inês Mondella e Domingos tomam um atalho para o mosteiro, populares chegam ao presbitério. O cura os pacifica, interessado em esvaziar o assunto, mas um vizinho de dona Inês diz à turba que gente armada iria matar um "peregrino" e a celeuma recomeça: *"Acudam, camaradas: ladrões ou bandidos!... Fogem com um romeiro. Já saíram da vila. Peguem os marotos"*. Chegando à casa de dona Inês, a multidão vê marcas de arrombamento e julgam que as mulheres teriam sido raptadas, *"como o milhafre arrebata os pintos"*. Chega a notícia, igualmente falsa, de que as mulheres tinham se refugiado alhures e a multidão se dispersa.

Os fugitivos dispensam Domingos e chegam ao convento de Pescarenico onde frei Cristóvão os coloca imediatamente num transporte para fora da aldeia. Renzo iria para o mosteiro da Porta Oriental em Milão e as mulheres para um convento em Monza. No barco:

> *"Os passageiros iam calados, de quando em quando, voltavam a cabeça, num derradeiro olhar à paisagem riscada de zonas luminosas e de vastas sombras, donde sobressaíam os povoados, as casas, as choupanas. O castelo de Dom Rodrigo, flanqueado do torreão, sobrelevava as choças amontoadas ao sopé do promontório, com a catadura feroz dum malvado, desperto entre criaturas adormecidas, a meditar crimes. Lúcia viu-o e estremeceu. Baixou os olhos à aldeia; reconhecendo a sua vivenda humilde, pousou a testa no braço e chorou silenciosamente."* (pág. 73)

Capítulo IX

"O embate do escaler contra a ribanceira despertou Lúcia do seu doloroso torpor. Saltando primeiro, Renzo ajudou as duas mulheres a desembarcarem, e os três agradeceram melancolicamente o barqueiro". Dali dirigiram-se por terra, ao que parece, segundo o narrador, a cidade de Monza, onde se hospedaram numa *"peça abrigada e quente"*. Munidos de carta de frei Cristóvão, procuram o convento indicado onde um religioso, ao ler a missiva, diz que tudo dependia de *"a senhora"* querer *"tomar este compromisso"*... A "senhora" era uma freira que vinha de poderosa estirpe milanesa e dominava a casa, mesmo não tendo títulos.

Lúcia e Inês chegam ao claustro onde encontram a "senhora", uma freira de vinte e cinco anos, dando a impressão duma extraordinária formosura, mas de uma beleza *"triste e sem viço"*; que daria a um observador, segundo o narrador, a impressão simultânea de ternura e ódio. As fugitivas contam-lhe sua saga, que a "senhora" ouve com curiosidade maliciosa.

Batizada Gertrudes, a "senhora" era filha mais nova de um grão-senhor milanês que a havia destinado (junto com o irmão mais novo) ao convento, a fim de não dispersar seu patrimônio. Estava ali desde os seis anos e, por causa da posição do pai, tinha grande influência. No entanto, no íntimo, anelava subtrair-se ao claustro, participando do *"fausto secular"*. Sua religião, *"despida assim de sua essência, já não era religião, mas uma sombra como as demais"*[5].

---

[5] Nota do resumidor – Segundo comentaristas, esta monja (*Monaca*) de Monza teria de fato existido e inspirado um gênero de licenciosidade na literatura italiana, o das religiosas pervertidas.

Capítulo X

Conforme a praxe, Gertrude havia passado um mês em casa antes dos votos, para ter sua vocação avaliada por um padre examinador, o vigário das freiras. A contragosto, para agradar o pai, Gertrudes havia mentido ao vigário sobre sua vocação, apesar de *“uma saudade incessante da liberdade, o tédio de sua situação, o travo dos desejos que jamais lhe seria dado realizar. Exaltava-a e lhe doía a sua formosura inútil; torturava-a a pensar em que a sua mocidade definharia num lento martírio”*. Gertrudes fora, logo após os votos, nomeada mestra de educandas onde pode *“dar largas ao seu gênio despótico, aos seus caprichos malévolos, ora punindo as discípulas pelo mínimo deslize, ora excitando-lhes, com artes diabólicas, as turbulências.”*

Na medida em que Gertrudes percebia o poder que tinha, passou a agir cada vez mais escandalosamente, incluindo fazer desaparecer uma freira que a ameaçara e envolver-se carnalmente com Egídio, um celerado libertino prisioneiro de certas dependências do mosteiro.

Aprovadas pela “senhora”, as fugitivas foram finalmente alojadas na moradia recém-desocupada pela filha da zeladora e *“passaram a fazer parte do pessoal leigo do convento”*.

Capítulo XI

Enquanto isso, os sicários voltam, cabisbaixos e vexados, ao palácio do senhor Rodrigo que não esperava outro resultado que o sucesso do rapto. O fidalgo conclui que há entre eles um espião e dá ordens para vigiar a casa de dona Inês a partir do dia seguinte. O conde Atílio, ao saber da história, responsabiliza frei Cristóvão e promete buscar em Milão, junto a seu tio, um político importante, ajuda para perseguir o monge.

No dia seguinte, Rodrigo dá-se conta de que Renzo, Lúcia e Inês haviam fugido. Com pouco esforço de pesquisa descobre que as mulheres estavam num convento em Monza e que Renzo estaria em Milão. Manda Griso em nova missão para estudar as condições para o rapto de Lúcia em Monza.

Voltando um pouco na trama, Renzo havia chegado a Milão no dia onze de novembro com uma carta de frei Cristóvão para padre Boaventura, do convento da Porta Oriental. No caminho do mosteiro, encontra vários sinais de fartura, como farinha deitada ao chão, pãezinhos de trigo jogados sobre arbustos e camponeses carregando sacos de trigo nas costas. Julga que há muita fartura em Milão e que inventam que há carestia em toda a parte. Quando reflete melhor, conclui que se trata, na verdade, de um saque. Enquanto espera ser atendido pelo padre no convento, percebe tumulto na praça e vai verificar.

Capítulo XII

> *“Estava-se no segundo ano de colheita escassa. No ano anterior, as reservas acumuladas mal supriam as deficiências; a população chegara, senão esfomeada, pelo menos desprovida de tudo à colheita de 1628, ano em que se passa a nossa história.”* (pág. 92)

Frente à escassez generalizada, agravada pela guerra de sucessão mantuana, o grão-chanceler Antonio Ferrer, na ausência do governador Gonzalo Fernandez de Córdoba, havia fixado por decreto o preço do

pão muito abaixo do custo do trigo. O povo rejubilou-se, mas os padeiros haviam pressionado as autoridades para a reparação da injustiça. Naquele dia em que Renzo chegara a Milão[6], o povo revoltado havia saqueado as padarias, apesar da intervenção da polícia. Aos poucos, a revolta se voltava para o vigário do abastecimento[7].

Capítulo XIII

Na frente da casa do vigário do abastecimento o motim crescia e a turba bradava por linchamento. Renzo *"mal poderia dizer se observava ou condenava a pilhagem. Mas a idéia de homicídio causara-lhe um horror inconfundível e imediato"*. Chega a polícia em contingente inferior ao necessário.

"Um velho de aspecto diabólico ... pretendia pendurar o vigário morto aos batentes do portão". Renzo intervém e é imediatamente acusado de ser espião do fidalgo. Cresce a hostilidade contra o fiandeiro, mas a turba se distrai pela chegada de uma escada com a qual se pretendia escalar o muro da casa.

Quando tudo parecia perdido, chega Antônio Ferrer, o dignatário espanhol que havia reduzido o preço do pão. Passa pela multidão que o apulpa, entra na casa e resgata o vigário, *"lívido e mole como um trapo"*, dando ao povo a desculpa de que o estava levando preso. Na carruagem, o homem, lívido, diz a Ferrer que iria viver *"numa gruta, no cimo de um monte, como um eremita, longe desta gente bestial."*

Capítulo XIV

Dispersada a multidão e controlado o tumulto, Renzo retoma o caminho do mosteiro, mas ao encontrar na estrada um pequeno grupo que comentava os acontecimentos, discursa dramaticamente denunciando conluio entre governantes e fidalgos. Propõe irem todos no dia seguinte procurar Ferrer, que lhe havia causado boa impressão, e mostrar àquele homem *"como correm as coisas"*. Os presentes de modo geral concordam, apesar das poucas vozes discordantes: *"Sim, agora qualquer maltrapilho mete-se a orador"*.

Um dos circunstantes, um espadeiro, acompanha Renzo até uma estalagem, onde o vendeiro quer por força que ele preencha uma ficha de hóspede, obedecendo edito recente. Renzo nega-se com argumentos de alta oratória. Os presentes o apóiam com estardalhaço. O fiandeiro come, bebe e discursa sobre medidas ideais para nunca deixar de faltar o pão *"necessário para todos os de casa"*. Renzo continua bebendo e aprofundando os acessos de loquacidade, concentrando a atenção dos hóspedes.

Capítulo XV

Embriagado, Renzo é posto na cama pelo hospedeiro que, logo em seguida, vai ao palácio da Justiça denunciar o hóspede. Para a sua surpresa, lá já se tinha conhecimento do tal arruaceiro que andava a prometer motins *"para o dia seguinte"*. Na manhã do dia seguinte, bem cedo, a polícia aparece na hospedaria para prender Renzo, que entre a ressaca, a sonolência e o espanto considerava *"o que acontecera nessa noite, para que a polícia se atrevesse a deitar mão em quem, horas antes, se tornara tão*

---

[6] Nota do resumidor – Onze de novembro, dia de São Martinho, dia do grande motim da carestia do trigo e do limite para Lúcia estar no castelo de Rodrigo. O conde Atílio ganha a aposta.

[7] Nota do resumidor – Vigário do abastecimento era um nobre escolhido todos os anos pelo governador, entre seis fidalgos propostos pelos Conselhos dos Decuriões, para garantir a oferta de alimentos.

popular?" Lorenzo é levado preso por um notário[8] com doces palavras venenosas e por dois esbirros. O fiandeiro, pressentindo o pior, na saída da hospedaria açula os populares contra a escolta dizendo *"prenderam-me porque ontem gritei 'Pão e Justiça'... Não me abandonem, amigos"*. Crescentemente pressionados pelo povo que os cerca, os policiais deixam Renzo fugir e desaparecem por entre a aglomeração.

Capitulo XVI

Renzo planeja fugir para Bérgamo, onde morava seu primo Bartolo Castagneri que já o havia convidado muitas vezes a trabalhar numa fiação com ele, porque em Milão já estaria "marcado", tendo feito a imprudência de dizer o seu nome a Ambrósio, o espadeiro que o havia conduzido à hospedaria. Renzo, desavisado, sai de Milão na direção oposta a de Bérgamo e vai parar no povoado de Gorgonzola. Numa hospedaria local, Renzo descansa e busca informações para seguir viagem. Enquanto come, ouve, à pequena distância, um comerciante recém-chegado de Milão relatando os horrores da sedição e como as coisas lá haviam piorado muito, com "marotos" gritando e atraindo gente para saquear a casa do vigário do aprovisionamento, mas haviam encontrado forte barricada com *"espanhóis de espingardas apontadas"*. Batendo em retirada, a turba havia saqueado outra padaria. O distúrbio só diminuíra com a notícia de que o preço do pão havia baixado. Renzo fica sabendo também que à noite muitas prisões haviam sido feitas e que os "cabeças" da rebelião, uns forasteiros, iriam ser enforcados. O relatório continua com a notícia de que um "tipo" fora preso numa hospedaria:

> *"- Esse viera não se sabe donde nem a mandado de quem. Mas era, sem dúvida, um dos chefes. Já ontem, na arruaça, fez o diabo; não se contentando com isso, pôs-se a pregar que se exterminassem os fidalgos. Velhaco! De que viveriam os pobres, se não houvesse gente rica? A polícia deitou-lhe as garras, para o engaiolar. Achou-lhe no bolso um maço de cartas. Mas qual! Os da súcia rondavam por lá e livraram o bandido."* (pág. 125)

O "tipo" havia fugido ou se escondido em Milão e as cartas que haviam sido achadas com ele haviam, segundo aquele relato, desvendado *"toda a cabala"*. Renzo ouve tudo isso chumbado à cadeira, com medo de que concluíssem que o "tipo" era ele. Quando o assunto mudou, pagou discretamente a conta e *"enveredou pela estrada oposta à que o trouxera até ali"*, na direção do rio Adda, que separava o ducado de Milão da república de Veneza, território onde ficava Bérgamo.

Capítulo XVII

Noite escura, Renzo vai pela estrada real resmungando indignado por ser tão caluniado: *"Eu preguei que matassem os ricos? Um maço de cartas, eu?"* Teme ser pego, confundido com um ladrão: *"Ninguém se lembra de que um homem de bem pode ser obrigado a andar na estrada a estas horas."*

Chega às margens do rio e vê do outro lado uma nódoa esbranquiçada que julga ser Bérgamo. Para esperar a alvorada, Renzo refugia-se numa casinhola abandonada numa cama *"que a Providência lhe preparara"* e medita:.

> *"Mal fechou os olhos, uma verdadeira multidão de imagens aflui-lhe à mente, afugentando o sono. O negociante, o notário, os beleguins, o espadeiro, o taberneiro, Ferrer, o vigário, os vadios*

[8] Nota do resumidor – Notário é uma espécie de oficial de justiça.

> *da estalagem, os viajantes da estrada, Dom Abbondio e Dom Rodrigo dançavam-lhe no cérebro, exasperando-lhe a amargura."* (pág. 129)
>
> *(...)*
>
> *" – Que noite, pobre Renzo! E que leito nupcial!*
> *- Seja o que Deus quiser – disse ele, como resposta aos pensamentos que mais o torturavam. – À vontade de Deus! Ele sabe o que faz, e existe para nós também. Seja tudo em desconto dos meus pecados. Lúcia é tão boa! O Senhor não permitirá que ela padeça muito tempo. "* (pág. 130)

Com a ajuda de um barqueiro, Renzo atravessa o rio na manhã seguinte e chega em território bergamasco. Contempla a margem oposta, amaldiçoa aquela terra e dá adeus à pátria. Arrepende-se automaticamente ao lembrar-se do que lá deixara. Caminhando na direção da cidade, a cada momento *"cruzava com indigentes que mostravam a miséria mais no rosto do que no vestuário. Não eram os mendigos habituais e sim camponeses, montanheses, artesãos, famílias inteiras a esmolar"*. Renzo sonha em trabalhar como fiandeiro com o primo Bartolo e mandar vir as mulheres.

O primo, contra-mestre de uma fiação, recebe-o com surpresa. Explica-lhe como as coisas andam difíceis, mas acolhe-o e o encaminha para conhecer o patrão que *"preza os operários, porque a crise passa e o negócio fica"*. Renzo consegue um emprego. (Havia grande interesse da república de Veneza por fiandeiros de Milão.)

Capítulo XVIII

No dia treze de novembro, o senhor corregedor de Lecco recebe despacho da polícia milanesa indagando se Lorenzo Tramaglino, *"rebelde à autoridade policial"*, havia voltado *"ao seu primitivo domicílio"*. A casa de Renzo é arrombada. O nome Tramaglino progressivamente *"convertia-se em desgraça, em opróbrio, em crime"*. Na aldeia, no entanto, a maioria persuadiu-se de que se tratava de outro ardil do senhor Rodrigo.

O fidalgo, por sua vez, alegrou-se em saber ser o seu rival perseguido, apesar de o capanga Griso ter trazido notícias pessimistas de Monza: Lúcia vivia asilada no mosteiro, sob a proteção da tal "senhora". Além disso, o conde Atílio maquinava em Milão a perseguição do único aliado das fugitivas, o frei Cristóvão. Rodrigo julgava-se mais do que nunca no direito de reaver a moça, que agora era, afinal de contas, *"um bem de rebelde"*.

Circula finalmente pelo povoado a notícia de que frei Cristóvão, por ordem do padre provincial, deixaria o convento de Pescarenico e iria transferido para Rimini. Com esta notícia, vem a do regresso inesperado de dona Inês que, com Lúcia, recebera no convento, pelo capuchinho, as notícias das desventuras de Renzo em Milão e da fuga para a segurança de Bérgamo.

Chegando em Lecco, dona Inês se desespera ao saber da transferência do frade.

Capítulo XIX

Neste capítulo, o narrador nos conta como o tio do conde Atílio, "envenenado" pelo sobrinho, havia convencido o padre provincial dos capuchinhos a remover o frei Cristóvão de Lecco, acusando-o sutilmente de proteger o *"organizador das arruaças de Milão"*. Como o superior resistia em punir o religioso, sem provas, o fidalgo expôs a conveniência de uma transferência discreta ante uma guerra aberta entre os

capuchinhos e sua família (*"somos uma família numerosa... que tem sangue nas veias"*). E foi assim que o bom frade acabara exilado em Rimini.

Enquanto isso, o senhor Rodrigo, *"decidido a levar a termo sua empresa execrável"*, e impossibilitado de vencer sozinho os muros de Monza, decidira solicitar o concurso de uma personagem poderosa, denominado pelo narrador apenas como o "Inominado"[9]. Segundo relatos, tratava-se de um libertino, grande senhor da cidade, que se exilara na fronteira, numa propriedade rural, *"impondo-se à força de crimes"*, desdenhando *"juízes, magistrados e soberanos... Todos os tiranetes do vizindário se tinham visto forçados a optar pela amizade ou pela inimizade deste tirano invulgar"*.

Rodrigo, que julgava perigoso ter inimizade com aquele homem, cobre a cavalo as sete milhas que medeavam entre seus castelos e vai pedir-lhe ajuda.

Capítulo XX

Rodrigo chega ao castelo do Inominado, isolado na fronteira e tão protegido que ali nunca se havia visto esbirro nenhum, nem vivo nem morto. O castelão, *"alto e moreno"*, com sessenta anos, ouve o fidalgo que *"vinha pedir conselho e auxílio. Encontrava-se numa situação difícil que lhe afetava a honra. Lembrara-se então de que soara talvez o momento asado para a retribuição prometida."* O Inominado, que desgostava especialmente de frei Cristóvão, consente no pedido e despede o fidalgo dizendo: *"Em breve sereis avisado do que tendes a fazer."*

Depois que o fidalgo sai, o Inominado que tinha, às vezes, *"a sensação de uma solidão aterradora"*, reflete na sua vida de crimes e na morte:

> *"A morte,que o apavorava, aparecia sozinha, nascia no íntimo. Talvez ainda estivesse longe; mas de minuto a minuto avançava um passo. Enquanto o espírito lutava com afã, para banir o espectro, este aproximava-se inexoravelmente."* (pág. 147)
>
> *(...)*
>
> *"Logo, porém, que o amigo se retirou, o 'inominado' sentiu desvanecer-se a firmeza que o sustivera; crescia nele a tentação e faltar à palavra. Cumpria por termo a essa luta penosa. O castelão chamou o "Milhafre", um dos ministros mais destros e audazes das suas iniqüidades, o mensageiro que ele empregava para se comunicar com Egídio, e enviou-o a Monza, a fim de requisitar do seu perverso parceiro o auxílio preciso."* (pág. 148)

Desta vez o rapto, com a ajuda da atormentada Gertrudes, chantageada pelo celerado Egídio, funcionaria. Mandada pela "senhora" de Monza ao convento dos capuchos, sozinha, convocar certo monge, Lúcia (que nunca mais pusera os pés na rua) foi agarrada no caminho pelo sicário "MIlhafre" que a amordaçou e a levou numa carruagem para o Inominado, embrenhando-se no bosque a galope. A moça desmaia no caminho.

Capítulo XXI

Os sicários do Inominado estão compadecidos de Lúcia. O libertino, atormentado por culpas, resolve que não a quer em casa e a entrega aos cuidados de uma velha criada. Ameaça mandar chamar Rodrigo

[9] Nota do resumidor - Comentaristas posteriores relacionam o Inominado com uma personagem histórica, Bernardino Visconti, libertino que se converteu.

imediatamente, mas recua: *"Algum demônio a protege... Um demônio ou um anjo"*. Mais tarde, o Inominado encontra Lúcia encolhida num canto no quarto da velha criada. Ele quer saber se ela estava sendo bem tratada. A moça implora misericórdia e pede, pelo amor de Deus, para ser libertada.

Deixada a sós com a criada, Lúcia tenta, mas não obtém dela informações sobre aquele senhor. Enquanto sua carcereira dorme, Lúcia pede ajuda a Nossa Senhora, prometendo-lhe renunciar a seu Renzo e dedicar a ela sua virgindade.

O Inominado, por sua vez, atormentado e sem poder dormir, decide libertar a prisioneira. Afinal de contas, só tinha concordado com o plano, porque *"obedecera a sentimentos antigos, usuais; mas não vacilara em praticar mais uma de suas inúmeras ações celeradas que ora lhe acudiam à lembrança, como outras tantas monstruosidades."* Pensa em matar-se, mas lembra do júbilo de seus inimigos e abaixa a pistola. Além disso, medita:

> *" – Se essa outra vida, de que me falavam em pequeno, de que ainda me falam como de coisa certa, fosse pura invenção dos padres, porque haveria eu de morrer? Que importa o que fiz? Que loucura a minha!!! E, se essa vida existir!..."* (pág. 157)

Pela manhã, o libertino arrependido é acordado por repique dos sinos e por uma procissão que cruzava as suas terras.

Capítulo XXII

A procissão era em homenagem a dom Frederico Borromeo[10], arcebispo de Milão, que estava numa aldeia próxima, para onde a procissão se dirigia. No quarto da criada, Lúcia continuava enrodilhada, imóvel, aterrorizada no mesmo canto.

O Inominado sai a pé para procurar o cardeal que, conforme o narrador nos informa, *"foi um dos raros homens de seu tempo que dedicaram um talento notável, todos os recursos da opulência e as vantagens de uma posição privilegiada à contínua prática do bem"*[11].

Capítulo XXIII

Apesar da resistência dos padres que não querem deixar o Inominado se aproximar do cardeal (*"o homem é um empreiteiro de crimes, um desesperado sempre em contato com os desesperados mais furiosos..."*), Borromeo insiste em recebê-lo e manda-o entrar imediatamente (*"E não é felicidade, para um bispo, que semelhante homem se lembre de o visitar?"*). Ao defrontar-se com o libertino, o cardeal humildemente se desculpa de não ter ainda ido visitar *"um dos* (seus) *filhos amados que mais desejava abraçar"* e estende a mão para o libertino que recua com vergonha, mas acaba aceitando o gesto de reconciliação com a cristandade.

> *"De súbito, o 'inominado' desvencilhou-se; cobriu os olhos com a mão e, erguendo o rosto para o alto, exclamou:*

[10] Nota do resumidor – Frederico (Fedrico) Borromeo (1564-1631), cardeal e arcebispo de Milão, filho da aristocracia milanesa, foi uma personagem de extraordinária importância. O prelado fundou a Biblioteca Ambrosiana, a qual anexou um colégio de doutores para o estudo de teologia, de história, das letras, das antigüidades eclesiásticas e das línguas orientais.

[11] Nota do resumidor – Estas palavras de Manzoni estão gravadas no pedestal da estátua do Cardeal em frente à Biblioteca Ambrosiana.

- Deus grande, Deus bom, percebo enfim quem sou! Vejo as minhas iniqüidades. Tenho horror de mim mesmo. Contudo... sinto um refrigério, uma alegria! Sim; uma alegria que nunca experimentei, na minha existência horrível. " (pág. 164)

O cardeal manda chamar o cura da aldeia de Lúcia e o padre Abbondio aparece, *"com evidente má vontade e um ar de surpresa e desagrado".* Recebe a notícia de que Lúcia Mondella havia sido reencontrada e que ele deveria seguir com o castelão para buscá-la, acompanhados da mulher do alfaiate. Quando alguém propõe ir chamar dona Inês, Abbondio espertamente se candidata (para evitar a excursão com aquele homem), mas o cardeal não concorda.

Na praça já se espalhara a notícia da conversão prodigiosa. Ao ver o Inominado, centenas de vozes murmuraram: *"Deus o abençoe"*. No caminho para o castelo do libertino, o padre Abbondio pensa no senhor Rodrigo: *"Poderia subir ao paraíso de carro, e prefere descer ao inferno, coxeando!"* Em seus pensamentos, está inconformado com aquela tarefa: *"Se este virou santarrão, porque não a trouxe de uma vez?"*... *"Sinto muito, mas essa menina veio ao mundo para meu mal"*.

A insólita comitiva composta por libertino, padre e mulher do alfaiate chega ao infame castelo.

Capítulo XXIV

Lúcia assusta-se ao ver o padre Abbondio e a boa aldeã que o acompanhava. A comitiva, agora aumentada por Lúcia, volta para a aldeia, sob os olhares atônitos dos sicários, já que a notícia da conversão ainda não chegara ao castelo. No caminho, Lúcia descobre, arrepiada, pela mulher do alfaiate quem era aquele "senhor" que a escoltava.

Passam pela mente do cura as reflexões mais sombrias e, uma vez tendo deixado Lúcia na casa da aldeã, apanha seu bordão e *"encaminh*(a)*-se, a passos largos, para sua aldeia."* Lúcia, após tomar um caldo, relembra aquela noite de angústias e dá-se conta do voto que a condenaria a uma vida de renúncias: *"Ah!, pobre de mim! Que fiz eu?"* Mãe e filha se reencontram. A mãe confirma que Renzo estaria a salvo em território bergamasco. O Cardeal procura Lúcia na casa dos aldeões e Inês aproveita para lhe contar que o cura não havia cumprido suas obrigações eclesiásticas.

De volta a seu castelo, o Inominado reúne seus fâmulos e sicários e declara que o Senhor o havia intimado a mudar de vida e que estavam todos livres para escolher entre ficar para praticar o bem ou partir indenizados.

Capítulo XXV

O senhor Rodrigo, *"aniquilado por notícia tão extraordinária e tão diferente da que esperava"*, trancou-se dois dias no castelo e, com medo do Cardeal, no terceiro partiu para Milão, esgueirando-se como fugitivo, bufando e jurando voltar *"para uma desforra memorável"*.

O Cardeal, de fato, passaria pela região em seguida, onde os testemunhos que ouviria sobre Renzo não combinariam com os relatos de suas diabruras que corriam em Milão.

Na aldeia anterior, onde as mulheres haviam ficado sob a proteção da família do alfaiate, um casal de fidalgos, dona Praxedes e o senhor Ferrante, propõe aceitar Lúcia para trabalhos domésticos, a fim de

protegê-la. O Cardeal concorda com aquela solução, mesmo implicando em nova separação de mãe e filha.

O arcebispo de Milão cobra de Abbondio a não realização do casamento dos noivos no dia aprazado. Após ouvir as lamentações do cura, o Cardeal fuzila:

> *" – Quando o senhor se apresentou à Igreja, para assumir este ministério, ela garantiu-lhe porventura a vida? Que seria da Igreja, se a sua linguagem, senhor cura, fosse a de todos os seus confrades? Onde estaria ela, se surgisse no mundo com tais doutrinas?*
> *Cabisbaixo, transido de medo como um pinto nas garras do falcão, Dom Abbondio sentia-se transportado para uma região desconhecida, para uma atmosfera que nunca respirara. Admitiu, pois, com submissão afetada:*
> *- É possível que eu não tenha razão, monsenhor ilustríssimo. Desde que não se deve prezar a vida, nada me resta dizer. Mas a quem lida com o que tem a força e desconhece a razão, não adianta a intrepidez...*
> *- Ignora, acaso, que sofrer esta Justiça é a nossa vitória? Quem exige que o senhor vença a força pela força? Ninguém lhe perguntará, um dia, se soube fazer-se respeitar pelos poderosos. Mas terá decerto de responder se empregou os meios ao seu alcance, para agir como foi prescrito, embora tivessem os homens a temeridade de proibi-lo."* (págs. 176-177)

Capítulo XXVI

A reprimenda continua, o Cardeal acusando o cura de ter preferido obedecer à iniqüidade. O cura tenta defender-se, mas não encontra argumentos. Sua mente está ocupada com o fato de que *"dom Rodrigo, são e vivo, havia de voltar, furioso, triunfante e inflexível, para a prometida represália, ao passo que o Cardeal não usava espada ou bacamarte nem tinha às suas ordens um bando de sicários"*. Com base naquele temor, o cura resiste, fazendo-se antecipadamente de vítima. O Cardeal não lhe dá folga e o responsabiliza diretamente pela situação:

> *" – Agora – prosseguiu Frederico – aí estão eles: um, foragido; a outra, obrigada a viver fora do lar. Agora, infelizmente, já não precisam do senhor e não lhe darão o ensejo de praticar um ato de bondade. Mas quem sabe se Deus misericordioso não lhe oferecerá ocasião para isso? Ah! Não a deixe escapar! Trate de aproveitá-la; rogue ao Senhor para que a faça aparecer."* (pág. 180)

O Inominado manda entregar a dona Inês cem escudos de ouro, uma fortuna. Como a mulher faz planos de buscar Renzo com o dinheiro, Lúcia, desfeita em lágrimas, conta finalmente à mãe seu voto de celibato. Inês ouve estupefata, consternada. Lúcia pede a mãe que conte o fato a Renzo e lhe mande metade do dinheiro. Sobre o rapaz corriam todo o tipo de boatos, entre eles o de que o senhor Gonzalo Fernandez de Córdoba havia se queixado ao representante de Veneza em Milão de o governo vizinho abrigar em Bérgamo tamanho vilão. *"Não se creia, porém, que o senhor Gonzalo se empenhasse deveras em vingar no pobre fiandeiro montanhês a afronta ao seu rei mouro agrilhoado. O nobre senhor tinha mais em que pensar. Só fortuitamente o fio do destino do nosso humilde campônio se entretece na trama de acontecimentos grandiosos."*

Capítulo XXVII

O narrador, nesta altura, esclarece a razão dos conflitos que abalavam a região. Estavam ligados à sucessão do duque Vicente Gonzaga em Mântua. Sem herdeiros, o ducado era disputado por várias

partes[12] e, no *imbroglio* estava o governo de Milão. O senhor Gonzalo Fernandez de Córdova, evidentemente, *"não tardou a esquecer o ínfimo rebelde"*. Em todo caso, Renzo, agora com o nome falso de Antônio Rivolta e morando *"quinze milhas mais longe"*, apesar de ser analfabeto e escrevendo por meio de secretário, fez chegar uma carta ao convento de Pescarenico. Como resposta, Inês enviou-lhe por mensageiro de confiança as cinqüenta moedas de ouro do Inominado e as razões pelas quais ele deveria resignar-se a renunciar ao casamento projetado. Estupefato e furioso, manda dizer que nunca *"desistiria do que era todo o seu bem"* e que não tocaria o dinheiro.

Lúcia, por sua vez, rezava para que Renzo a esquecesse, mas toda vez que dona Praxedes, envenenada pelos boatos, o injuriava, ela o defendia. O senhor Ferrante, que tinha respeitável biblioteca de trezentos volumes, estudava astrologia, lia Aristóteles e havia se embrenhado *"nos domínios da magia, do ocultismo, e consagrara especial atenção à história"*. Também gostava de estudar a vida dos homens de estado.

Capítulo XXVIII

Depois da sedição do dia de São Martinho, o pão voltara a Milão, farto e barato. Mas, com as facilidades, o povo começou a estocar trigo com tal sofreguidão que um edito do grão-chanceler proibiu com rigor aquisições superiores ao consumo de dois dias: *"a multidão quisera provocar a abundância, com a pilhagem e o incêndio; o governo pretendia mantê-la, com as galés e a força"*. Quando os estoques realmente baixaram, vitimados pela tarifa forçada e irreal, reapareceu a carestia agravada pelas medidas que haviam pretendido atenuá-la. A miséria se generalizara e com ela a disseminação de doenças: doentes foram amontoados no lazareto, sofrendo até mesmo da falta de água pura. À estiagem e forte calor extemporâneo, acrescentava-se a *"depressão moral que roía esse desgraçados"*. O número diário de mortos excedia uma centena. Fatos a que *"se dá o título de história"* intervieram: entre as tropas alemãs do exército imperial que passariam pela região para assediar o Monferrato[13] lavrava a peste. O governador Gonzalo Fernandez de Córdova desprezou os avisos e cedeu direito de passagem às tropas imperiais. Vinte e oito mil infantes e sete mil cavaleiros cruzaram durante oito dias o ducado de Milão saqueando tudo e violentando todos: *"desenterravam-se os objetos preciosos, roubava-se o gado, até nas montanhas, e não se poupavam pancadas aos nativos abastados, enquanto estes não apontassem o esconderijo dos seus tesouros."*

Capítulo XXIX

A *"turba diabólica"* chega à região de Lecco. O narrador nos conta que *"quem não viu dom Abbondio no dia em que se divulgou a notícia da chegada iminente dos imperiais, nunca saberá o que é perplexidade e terror"*. O padre implora inutilmente ajuda à gente em fuga. Perpétua, mais realista, enterra o dinheiro e os talheres sob a figueira, prepara um cesto cheio de comestíveis, apanha o breviário e propõe seguir com os retirantes, mas chega dona Inês que prefere pedir abrigo ao Inominado. De fato, o convertido *"inspecionava pessoalmente os preparativos, dentro e fora do castelo, acolhendo os que chegavam, dando ordens, confortando a todos com sua presença"*.

---

[12] Nota do resumidor – Os pretendentes ao ducado de Mântua eram basicamente os franceses (Charles de Nevers) e o duque de Savóia, Carlos Emanuel, apoiado pelos Habsburgos do Sacro Império e pelo ducado de Milão, a quem estava aliado.
[13] Monferrato – Região dominada por Mântua que as forças imperiais do Sacro Império e dos "*condottiere*" aliados resolvem ocupar.
.

Capítulo XXX

Os fugitivos passaram quase um mês no castelo do Inominado *"num movimento constante e companhia numerosa"*. *"Dom Abbondio*, por sua vez, *vivia em contínuo sobressalto, pronto a acolher os boatos mais apavorantes...".* Quando acabou o trânsito das forças imperiais, os refugiados do castelo regressaram a seus lares para encontrarem a própria calamidade da destruição e do saque. Vários objetos da casa paroquial, segundo Perpétua, teriam sido vistos espalhados por outras casas da aldeia.

Capítulo XXXI

Na esteira da passagem do exército imperial, começaram a aparecer cadáveres, sem que o tribunal sanitário de Milão tenha tomado providências. No dia catorze de novembro, médicos encarregados da saúde pública expõem ao governador Ambrósio Spinola, sucessor do senhor Gonzalo, que havia deixado o cargo sob insultos e pedradas, suas preocupações com os cadáveres pela região. O novo governador, no entanto, apenas lamenta o quadro e, dias depois, em dezoito de novembro, apesar do risco das aglomerações, promulga edito ordenando festejos públicos pelo nascimento do infante Carlos, filho del-rei Filipe IV. Em fins de novembro, um soldado italiano a serviço da Espanha traz a peste a Milão. Aos poucos a enfermidade se espalha.

"A peste, que o tribunal sanitário se empenhara em manter à distância, entrara com as hordas imperiais, para invadir e despovoar não só o território milanês, como boa parte da Itália."

Capítulo XXXII

O cardeal Frederico Borromeo, apesar de temer o contágio coletivo, pressionado pelos fiéis, permite que as relíquias de São Carlos permaneçam expostas durante oito dias no altar-mor do Duomo[14], trazidas por procissão que partiria ao alvorecer do dia onze de junho. O ritual acabou não sendo de grande valia:

> *"No dia seguinte, porém, quando ainda reinava a confiança – ou melhor uma fé exaltada – na eficácia dessa piedosa romaria, as mortes recrudesceram em tal proporção, que só era possível atribuir esse acréscimo imprevisto à procissão da véspera. A partir desse dia, a fúria do contágio exacerbou-se; dentro em pouco, não havia lar que não fosse atingido e a população do lazareto aumentou de dois mil para doze mil doentes. Em 4 de julho, o número de mortos elevou-se diariamente a mais de quinhentos, subindo mais tarde a mil e duzentos, mil e quinhentos e três mil e quinhentos, se quisermos dar crédito a Alexandre Tadino[15]."* (pág. 204)

Com o recrudescimento da epidemia era preciso *"manter, substituir, aumentar todos os dias o pessoal"*: os *"monatti"*[16], recrutados no estrangeiro, para as tarefas mais repelentes, os "batedores" para preceder as carroças carregadas de cadáveres e "comissários" para fiscalizar os dois primeiros; Além disso era necessário fornecer ao lazareto médicos, medicamentos, cirurgiões, instrumentos e víveres.

Os corpos permaneciam insepultos. Malfeitores aproveitavam-se da confusão geral para praticar extorsões e rapinas. Corria o boato de que a peste estivesse sendo espalhada de propósito por delinqüentes sádicos chamados "untadores". *"O terror dissolvia os laços mais íntimos, elevava sombria desconfiança entre esposos e irmãos."* Dom Borromeo distribui comida para milhares de pessoas e sacrifica a vida de dezenas de religiosos na luta contra a epidemia.

---

[14] Nota do resumidor – Belíssima catedral milanesa que, na época, ainda não tinha a aparência moderna.
[15] Nota do resumidor - Alexandre Tadino é um historiador da peste de Milão.
[16] Nota do resumidor – Pessoal pago por "mês", do alemão *"Monat"* (mês).

Capítulo XXXIII

> *"Certa noite, em fins de agosto,quando o contágio chega ao auge, Dom Rodrigo regressava ao seu domicílio, em Milão, escoltado pelo Griso, um dos poucos servidores que a epidemia lhe poupara. Acabava de deixar um grupo de amigos, companheiros de orgias; fora nessa noite, o conviva mais alegre, e divertira o auditório com uma espécie de elogio fúnebre do Conde Atílio, arrebatado na antevéspera pela peste. Na rua acometera-o, no entanto, um insólito mal-estar, uma ardência interna, uma opressão, uma moleza que ele bem quisera atribuir só ao vinho, à vigília e ao calor."* (pág. 206)

O senhor Rodrigo não consegue dormir: os lençóis lhe pesam como chumbo. Mal fecha os olhos, acorda em sobressalto, com o corpo em fogo. Quando consegue adormecer, sonha estar numa igreja repleta de gente com *"rostos amarelados e decompostos, olhos vidrados, lábios pendentes"*. No sonho, todos os circunstantes olhavam para frei Cristóvão, *"de mão erguida, na atitude que tomara na sala térrea do castelo"*. O fidalgo tenta agarrar a mão do religioso e acorda, *"soltando um grito estridente"*. Examina o seu corpo e dá com uma intumescência arroxeada, um bubão repulsivo. Manda Griso buscar o cirurgião Prego, mas Griso busca, na verdade, dois *"monatti"* que o imobilizam enquanto o sicário arromba o cofre. Exausto com a luta, o senhor Rodrigo desmaia e é levado embora numa padiola. Griso, no dia seguinte, durante uma orgia numa taberna com o dinheiro roubado do patrão, sente um súbito mal-estar e prosta-se sem forças. *"Despojado de tudo quanto trazia no corpo, arremessado a um carro de transporte, expirou antes de chegar ao lazareto onde, na véspera, fora internado o seu senhor"*.

Na zona fronteiriça entre o Ducado de Milão e a República de Veneza, onde estava Bérgamo, a doença também grassava. *"Renzo contraiu a moléstia e curou-se por si, isto é, nada fez"*. O fiandeiro decide voltar ao Ducado, *"fosse como fosse"*. Sob o nome falso de Antônio Rivolta, Renzo toma o caminho de Lecco, onde chega incógnito. Encontra, quase irreconhecíveis, Tônio e o padre Abbondio, com o rosto pálido e enegrecido, sinais de serem sobreviventes da tragédia. Tônio, enlouquecido (*dizia o tempo todo "A chi la tocca, la tocca"*), havia acabado sozinho sem sua numerosa família. O padre conta a Renzo que Lúcia estaria em Milão na casa do senhor Ferrante e que Inês havia se mudado para a casa de uns parentes em Pasturo. Isso se as mulheres ainda estivessem vivas. Levantando os braços esqueléticos, como que invocando a clemência divina, queixa-se: *"Quando me ia sentindo melhor... Em nome do céu, que vem fazer aqui? Volta..."* O cura desfila o rosário dos nomes dos mortos; famílias inteiras e também Perpétua.

Renzo acha seu sítio reduzido a um matagal, *"inextricavelmente enredado de urtigas, de fetos, de joio, de azedas"*. O interior da casa arrombada está habitado por ratos e aranhas.

No dia seguinte, partiu sem se apressar e *"chegou à tarde nos arredores de Milão; ao amanhecer entraria na cidade, e contava iniciar logo as pesquisas"* para descobrir o paradeiro de Lúcia.

Capítulo XXXIV

Renzo encontra Milão devastada. *"Em certo ponto do terrapleno, elevava-se densa nuvem negra de fumaça que se perdia na atmosfera pardacenta e parada"*, produto da fogueira que queimava roupas e móveis dos infectados. Os poucos passantes estão arredios e agressivos. O fiandeiro procura pela residência do senhor Ferrante, cuja indicação obteve de um padre. Seguindo as instruções...

"Viu-se, de fato, num quarteirão que lembrava uma cidade de criaturas vivas. Mas em que estado! Fechadas, pregadas ou assinaladas com cruzes as portas de todas as casas, exceto as dos prédios desabitados! Por toda parte, trapos repelentes, manchados de pus, excrementos mal cheirosos, roupa de cama arremessada pelas janelas, cadáveres de pessoas ceifadas de improviso pela peste, corpos depositados na rua à espera da passagem dos carros de transporte, caídos dos próprios carros, ou atirados simplesmente pela janela, que a calamidade embrutecera as almas, obliterando todo sentimento piedoso, toda consideração social. Um silêncio de morte estabelecera-se na cidade, quebrado apenas pelo rumor dos carros fúnebres, pelos berros dos "monatti", por gritos frenéticos ou gemidos de enfermos. Ao alvorecer, ao meio-dia e ao crepúsculo, o som plangente dum sino do 'Duomo', a que se uniam logo os das outras igrejas, dava o sinal das preces prescritas pelo arcebispo. " (pág. 217)

(...)

" Descia a soleira duma casa e adiantava-se para o comboio, com passos fatigados mas firmes, uma mulher cuja aparência denotava uma mocidade se bem que madura, não ultrapassada, uma beleza ofuscada, encoberta, mas intata, não obstante uma dor profunda e um langor mortal: a beleza ao mesmo tempo delicada e majestosa que fulge no sangue lombardo. Os olhos da jovem mulher não vertiam lágrimas; mostravam, porém, vestígios de um pranto prolongado e, no seu pesar, havia um quê de sereno e profundo que revelava uma alma consciente e pronta a senti-lo. Nem só o seu aspecto lhe valera, entre tantas misérias, essa atenção compassiva, nem só ele reavivava a piedade embotada, amortecida nas almas. É que ela trazia, sentada nos braços, uma menina duns nove anos, morta, mas bem penteada, e envolta num vestidinho imaculado, como se as mãos maternas a tivessem preparado para uma festa, prometida havia muito como um prêmio. A mãozinha, alva como cera, pendia, inerte; a cabecinha pousara-se, em atitude que não era a do sono tranqüilo, no ombro da mãe – que era a mãe bem o indicavam não só a semelhança das duas fisionomias, como o que se podia ler na que ainda exprimia um sentimento.

Um sórdido 'monatto' aproximou-se, para pegar a pequena, com insólito respeito e uma hesitação involuntária.

- Não! – disse a moça, recuando, sem mostrar irritação nem desprezo. – Não a toque agora. Eu mesma a deitarei no carro. Tome – acrescentou, entregando ao 'monatto' uma bolsa. – Prometa que não lhe tirará nem deixará que lhe tirem um fio sequer, e que a sepultará assim.

(...)

A mãe beijou-a na testa, ajeitou-a como se a deitasse na cama, cobriu-a com um lençol e disse:
- Adeus, Cecília; descansa em paz. Logo à noite, estaremos contigo. Entretanto, reza por nós." (pág. 218)

Atingindo o endereço, Renzo recebe a notícia de que Lúcia estava no lazareto. Batem-lhe a porta e ele desesperado tenta obter informações com as circunstantes que, sem o conhecer e perturbados pela situação, tomam-no por um "untador": *"O untador! Peguem o untador!"* Renzo foge com a ajuda dos *monatti* que carregavam seu cortejo de cadáveres, bebendo vinho e fazendo uma algazarra sinistra. Uma tempestade se avizinha nos céus e no ar.

Renzo abandona o tétrico comboio quando ele passa na frente do lazareto: *"Assomando à porta, entrou e permaneceu um instante, imóvel, no centro do pórtico"*.

Capítulo XXXV

> *"Imagine o leitor o interior do lazareto, povoado por dezesseis mil pestosos, atravancado de tendas, de barracas e de veículos, repleto de gente – duas filas intermináveis de pórticos, à direita e à esquerda onde se aglomeravam enfermos e cadáveres atirados confusamente a esteiras e enxergas; e em todo o vasto covil, um zumbido, um movimento incessante de convalescentes, de frenéticos, de enfermeiros. Tal era o quadro que se deparou de improviso a Renzo e que o fez estacar a princípio, tolhido de assombro.*
>
> *(...)*
>
> *A atmosfera pesada agravava os padecimentos; o homem, já abalado pela moléstia, sucumbia à nova opressão. Centenas de enfermos pioravam subitamente. As agonias tornavam-se mais penosas; os gemidos, mais fracos. Talvez ainda não houvesse pairado sobre aquele vale de dores hora pior que essa."* (pág. 223)

Renzo encontra, fraco e desfigurado pela doença, frei Cristóvão, que ali servia havia três meses. O capuchinho, que não sabe de Lúcia, instrui o fiandeiro sobre como procurá-la no meio de tanta gente. Adverte-o, no entanto, a esperar pelo pior, porque pouquíssima gente escapava. Renzo, vingativo, ameaça ir atrás de Rodrigo, se ainda estivesse vivo, caso encontrasse Lúcia morta. O religioso se descontrola:

> *" – Infeliz! – bradou Frei Cristóvão, recobrando a antiga voz cheia e sonora – Infeliz! Olha, infeliz! Vê quem é que o pune, o que julga sem ser julgado, o que flagela e perdoa! Mas tu, verme da terra, queres fazer justiça! Sabes lá o que é justiça? Vai, infeliz, vai-te! Eu esperava... Sim; esperava que, antes da minha morte, Deus me desse o consolo de ver a minha pobre Lúcia viva, de receber a promessa de que ela rezará, pensando na cova em que eu descansarei. Vai! Tu me tiraste a esperança. Deus não pode ter deixado Lúcia na terra, para ti. E não terás a ousadia de te julgares digno de seres consolado pelo Senhor. Ela, sim; porque era uma das almas a que estão reservadas as consolações eternas. Vai! Não tenho tempo para te ouvir! "* (pág. 226)

Renzo, caindo em si, diz que perdoa Rodrigo, que perdoa sinceramente. Como Renzo parece realmente arrependido, o frade o leva à enfermaria onde jazia o fidalgo, imóvel com os olhos arregalados que não viam, *"dir-se-ia,,, um cadáver, se um espasmo violento não denunciasse uma vitalidade obstinada."*

Capítulo XXXVI

Como todos os dias na capela octogonal, o padre Félix discursava na presença dos pouquíssimos convalescentes. Renzo assiste a cerimônia, mas não reconhece ninguém. Vai ao pé da capela, ajoelha-se e ora fervorosamente. Entra na enfermaria das mulheres disfarçado de *monatto*, colocando campainhas nos tornozelos. Procurando a noiva entre as doentes, ouve uma voz conhecida confortando uma velha comerciante, deixada viúva pela peste. Era Lúcia que havia se recuperado como ele e agora cuidava das doentes. Ela quer saber se dona Inês lhe havia escrito e, ao saber que sim, indaga porque havia vindo mesmo assim. Renzo propõe trocar o voto de virgindade pela promessa de chamar a primeira filha de Maria e ela lhe diz que vá embora pelo amor de Deus. Renzo conta a Lúcia que frei Cristóvão estava no lazareto e que havia pedido para o casal rezar junto pelo senhor Rodrigo. Como Lúcia resiste, Renzo procura o frade na enfermaria masculina e lhe conta a história do voto de Lúcia. Reunidos os três, o sacerdote diz a Lúcia que quando do voto a Nossa Senhora, ela já estava comprometida com Lorenzo e o *"Senhor aceita os sacrifícios e ofertas, quando são só nossos, quando partem do nosso coração, de nossa vontade"*. Em outras palavras, sendo o voto amoroso dos dois e não tendo Lorenzo desistido, tinha precedência sobre o posterior e a igreja tinha autoridade de conservar ou rescindir as obrigações que os homens contraem com Deus: *"Se me pedir que eu a declare desligada do seu voto, eu não hesitarei;*

desejo até que me faça este pedido". Ela pede. O frei a alivia e lhes aconselha: *"Ensinem aos seus filhos a perdoarem sempre, a perdoarem tudo."*[17]

Renzo parte para dar notícias a dona Inês. Lúcia fica tomando conta da viúva, agora sua nova protetora. O fiandeiro despede-se de frei Cristóvão.

> *" – Oh! Meu caro padre, não nos tornaremos a ver?*
> *- Lá em cima, espero.*
> *E o religioso afastou-se. Renzo seguiu-o com o olhar, até perdê-lo de vista. Depois encaminhou-se, a passos largos, para a saída, deitando à direita e à esquerda um derradeiro olhar àquele asilo de sofrimentos. Via por toda parte grande azáfama, para prevenir o assalto da tormenta iminente."* (pág. 236)

Capítulo XXXVII

Cai a tempestade. Renzo caminha expondo-se *"gostosamente à fúria do aguaceiro. Em meio dessa revolução da natureza, sentia mais livremente, com mais intensidade, a mudança que se operara no seu destino"*. Alguns dias depois, constatou-se que a tormenta havia reduzido o contágio e as portas das residências e dos negócios haviam se reaberto e *"não se tornou a falar de peste, senão para aludir à quarentena e a algum caso esporádico observado aqui e acolá..."*

Em Pasturo, Renzo informa à futura sogra da boa saúde de Lúcia e combina de estabelecerem-se os três em Bérgamo, *"onde* (ele) *já se colocara em condições favoráveis"*.

De volta à sua terra natal, enquanto espera acabar a quarentena de Lúcia, Renzo evita a todo custo falar com o padre Abbondio.

Gertrudes, que havia sido removida para um mosteiro de Milão, penitenciara-se *"e fizera de sua existência um suplício tal que, exceto a morte, não seria possível conceber outro mais severo"*.

Frei Cristóvão havia morrido, conforme previsto por ele mesmo.

O casal Praxedes e Ferrante também morrera, sendo que Ferrante o fizera negando até o último momento a existência da peste, supostamente por meio de argumentos aristotélicos e astrológicos. Morrera como um herói de tragédias, *"apostrofando os astros"*.

O rábula também morrera.

Capítulo XXXVIII

Chega à aldeia enfim Lúcia trazendo consigo sua protetora-viúva. Renzo procura Abbondio para combinar o casamento: *"Senhor cura, passou-lhe enfim a dor de cabeça? Já pode casar-nos. Vim para lhe pedir isto; mas desta vez, estimaria que não houvesse delongas."*

---

[17] Nota do resumidor – No original, *"Dite loro che perdonino sempre, sempre! Tutto, tutto!"*, citação mais célebre da obra.

O cura não discorda, mas à sua maneira põe-se a opor argumentos e insinuar precauções, *"dando a entender que os noivos bem poderiam casar-se noutra parte"*. Renzo conta-lhe sobre o estado terminal do senhor Rodrigo, mas o padre, desconfiado, resiste.

Naquela tarde, as três mulheres vão à casa paroquial, mas o padre continua a criar dificuldades, citando a existência de um mandado de prisão contra Renzo. Chega o fiandeiro com a notícia de que o castelo de Rodrigo havia sido ocupado por um marquês, o que indicava a morte do antigo proprietário, fato confirmado pelo sacristão Ambrósio. Então, o padre Abbondio concorda imediatamente em casá-los, sem mais, dispensando os proclamas: *"A peste cancelou muitas coisas, meus filhos!"*

O Marquês, herdeiro de Rodrigo, para compensar os desmandos de seu parente, quer ajudar os noivos e o cura o incentiva a comprar por valor exorbitante as propriedades do casal de partida e que tratasse de anular os mandados de prisão contra Lorenzo. Ele concorda.

Finalmente desponta o dia "tão suspirado". Os noivos entram triunfalmente na igreja e recebem do padre Abbondio a bênção nupcial, jantando depois na casa do Marquês que ceou separado com o cura, porque tinha humildade suficiente *"para descer abaixo dos aldeões, mas não a ponto de se pôr com eles no mesmo nível"*.

Em Bérgamo, apesar de Lúcia ter sido esperada com grande expectativa e não se revelasse bela à altura das fantasias dos locais, Renzo compra uma fiação em sociedade com seu primo Bartolo. A primeira filha do casal foi batizada Maria.

> *"Renzo comprazia-se em narrar as suas aventuras; dava gosto ouvi-lo enumerar as grandes coisas que aprendera naqueles dias de provação:*
> *- Aprendi a não me envolver em arruaças; aprendi a não discursar na rua; aprendi a não beber demais; aprendi a não puxar aldrabas, quando anda à roda gente desconfiada; aprendi a não afivelar uma campainha ao tornozelo, sem medir bem as conseqüências...*
> *E assim por diante.*
> *Lúcia não discordava dessa doutrina; achava-a, porém, um tanto falha. À força de ouvir os mesmos argumentos e de meditá-los a fundo, disse um dia ao seu moralista:*
> *- E eu? Que quer você que eu tenha aprendido? Não fui buscar os contratempos; foram eles que me procuraram. A não ser – acrescentou, sorrindo – que o meu disparate seja querer-lhe bem e ser sua mulher.*
> *A princípio, Renzo ficou entalado; depois dum longo debate, convieram os dois em que os dissabores não raro nos vêm da irreflexão, mas que o procedimento mais inocente e cauteloso não basta para conjurá-los; e, quando nos afligem, por falta nossa ou alheia, a confiança em Deus os atenua e torna proveitosos, para uma vida melhor.*
> *Embora resulte dum raciocínio de criaturas humildes, esta conclusão parece-nos tão justa e acertada, que aqui a transcrevemos, como suma de toda a nossa narrativa."* (pág. 247)

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Marina Guaspari, retirados de "Os Noivos", Ediouro, s/d, Rio de Janeiro.)